



Nestlé



conhecendo  
arte



GUIA DO PROFESSOR



## CARO PROFESSOR

**É** com muito prazer que compartilhamos com você uma proposta de trabalho a partir da mostra **Arte Alimento**. As atividades são interdisciplinares, como a própria temática do projeto, o que significa que ela irá passear por conteúdos de história geral e história da arte, educação, biologia, artes, ecologia.

O pensador francês Roland Barthes dizia que a verdadeira interdisciplinaridade não é uma questão apenas de juntar várias disciplinas diferentes, lado a lado, mas sim de criar uma nova e singular, a partir de combinações de outras.

O projeto **Nestlé Conhecendo Arte**, exposição **Arte Alimento**, propõe justamente que você, professor, crie seu próprio conceito de interdisciplinaridade, de acordo com os interesses e as necessidades de seus alunos.

Para organizar essa proposta, dividimos o projeto em alguns capítulos, que seguem o pensamento da curadoria. Ele se inicia com a ideia da exposição, a partir da combinação dos conceitos de arte e alimento, entra no âmbito da história da arte e comenta sobre o surgimento de um gênero artístico que passa a retratar alimentos: a natureza morta.

Passa então pela história geral do comportamento humano, especificamente comentando sobre o desenvolvimento da alimentação, pela educação alimentar, um conceito cada vez mais aliado ao de sustentabilidade.

E finalmente, apresenta uma sugestão de acompanhamento a visita à exposição e de como aplicar algumas atividades em sala de aula, seguida por uma Linha do Tempo, onde as datas das obras de arte incluídas no projeto estão relacionadas a acontecimentos importantes da história.

## ➤ O CONCEITO “ARTE ALIMENTO”

Já diz a letra da canção dos Titãs, “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte...”.

O conceito dessa exposição, juntamente com o livro e o projeto pedagógico, é de fato uma via de mão dupla. Por um lado, podemos pensar na arte como uma forma de alimentação. Assim como precisamos de comida para o corpo, necessitamos de cultura como uma forma de alimento para a alma. Obras de arte visuais, música, teatro e dança, cinema, literatura – todo o conteúdo que envolve a criação

humana – nos nutrem com a ideia de uma potência humana de invenção e de apreciação estética.

Por outro lado, a alimentação pode ser uma arte, enquanto modo de educação dos sentidos, de nutrição, estética, combinação de sabores, texturas, cores, dimensões. A culinária está cada vez mais desenvolvida e sofisticada, com grandes chefs sendo considerados grandes artistas. Só para você ter uma ideia, na edição retrasada da mostra Documenta, grande exposição internacional que acontece na cidade alemã Kassel, a cada

cinco anos, o chef de culinária catalão Ferrer Adrià foi convidado a expor como artista.

Essa realidade se relaciona com o fato de que a arte contemporânea, afinada com as mudanças que ocorrem no mundo globalizado, incorpora cada vez mais formas de criação expandidas no mundo cotidiano. Isso que quer dizer que a arte se expandiu e que hoje ela pode estar não apenas em quadros, esculturas, desenhos, em museus e galerias, mas na moda, no design, na culinária, nos muros da cidade (streetart) e em

tantas outras formas de expressão que fazem parte do nosso dia a dia.

Pensando nisso, seria interessante iniciar o projeto pedagógico propondo uma discussão para seus alunos e colaboradores em torno dessas duas questões:

-O que é arte pra você?  
-O que te alimenta?  
(quais são seus alimentos favoritos?)

Você verá o quão rica essa conversa pode se tornar, à medida em que percebe a variedade de posicionamentos que esses conceitos podem gerar.



## NATUREZA-MORTA NA HISTÓRIA DA ARTE

**A**qui neste projeto, utilizamos a arte como meio de diálogo com a alimentação. Então, nesse capítulo vamos falar justamente do surgimento de um tipo de arte que começou a utilizar a temática do alimento: a natureza-morta. Em outras palavras: toda vez que vemos uma obra de arte com uma mesa posta, exibindo comidas ou objetos, estamos vendo uma natureza morta.

Na verdade, a origem do termo vem do inglês still life, que por sua vez é

uma adaptação da palavra holandesa stilleven, e ambos se referem a uma natureza parada, inerte, composta de objetos inanimados. O conceito surgiu nos séculos XVI e XVII, na Holanda, para caracterizar cenas criadas por artistas envolvendo mesas postas, alimentos, frutas, flores e objetos.

Essas cenas compostas eram consideradas temas pouco nobres para a pintura. Em vistas como sendo menos importantes que retratos e paisagens, por exemplo. No entan-

to, as naturezas-mortas se tornaram muito populares por serem temas facilmente criados nos ambientes domésticos, juntando alimentos, garrafas, fruteiras, livros ou outros objetos, servindo para os artistas como ótimos exercícios de forma, cor, perspectiva, pintura, traço, luz e composição.

Outro aspecto fundamental que acompanha o desenvolvimento da natureza-morta é a melhoria da agricultura na Europa. Nos séculos XV e XVI, época do Renascimento, foi

substituído o sistema precário de cultivo da terra da era medieval por um outro, bem mais moderno e diversificado, o que possibilitou o surgimento de novas qualidades de verduras, legumes e frutas.

As pessoas se encantaram com a variedade e a diversidade dos alimentos existentes. E assim surgiram muitas pinturas retratando comidas, plantações, cenas de cozinha.

## ▶ UMA BREVE HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO

**A** nossa espécie humana, chamada de homo sapiens, apareceu no planeta por volta de duzentos mil anos atrás e nossa trajetória pode ser contada sob o ponto de vista da alimentação.

Bem no início dessa história, nossos primeiros ancestrais eram nômades, isto é, costumavam andar pela Terra, seguindo seu caminho em função de alimentos, que caçavam (animais) e coletavam (vegetais), andando em grupos. A sobrevivência dependia do que eles encontravam para comer, o que na maioria das vezes se constituía de raízes e frutos silvestres.

Em comparação ao longo período em que fomos nômades, a agricultura pode ser considerada quase uma novidade. Ela surgiu

há cerca de dez mil anos, quando se iniciou o cultivo de plantas e a domesticação de animais. Com a possibilidade de fixar-se em um território, o homem fundou suas primeiras aldeias e passou a plantar e a colher aquilo que constituía a base da alimentação de suas famílias e grupos. Depois, por volta de quinhentos anos atrás, as navegações permitiram a primeira onda de globalização. O desejo de cruzar oceanos e conhecer o que havia do outro lado do mundo deveu-se, em parte, ao desejo de obter novos produtos e alimentos. Por exemplo, o tomate, uma fruta, começou a ser cultivado pela civilização inca, que vivia na América Central. A manga e a berinjela vieram da Índia. O pêssego, da China. A laranja, a banana e a alface

também são asiáticas. O brócolis é europeu, assim como o repolho. A batata é nativa do Peru e a cenoura, do Afeganistão. Já a castanha do Pará, o açaí, o caju, a mandioca e a goiaba são brasileiros.

Do início do processo da agricultura até meados do século passado, o sistema de produção de alimentos predominante era baseado em pequenas propriedades familiares auto-suficientes. Os vegetais cresciam em hortas e pomares domésticos, lado a lado com a criação de porcos, galinhas e bovinos, que forneciam leite, ovos e carne.

Da era medieval, onde cada feudo plantava vegetais e criava animais que supriam seus próprios consumo, até a Revolu-

ção Industrial, que trouxe tecnologias da plantação e de transporte, bastante coisa mudou.

Conforme as cidades cresciam e começaram a surgir ferrovias de trens para transportar pessoas e mercadorias, as plantações foram sendo transferidas para as periferias, locais mais baratos do que os centros urbanos. E para além dos vegetais frescos, que tinham que ser transportados e duravam pouco, foram criados alimentos industrializados, que poderiam ser transportados mais facilmente, durando mais tempo.

O importante é pensar no equilíbrio, no balançamento entre esses dois tipos de alimentos e buscar sempre um cardápio saudável.

## ➤ EDUCAÇÃO ALIMENTAR

**N**ada como um bom prato de comida para nos saciar quando bate aquela fome. Mas alimentação não é só satisfação imediata de uma necessidade.

Na chamada sociedade da informação, que vivemos hoje, quando temos acesso a todo e qualquer tipo de assunto, através dos meios tecnológicos, é muito importante obtermos conhecimento sobre os tipos de alimentos, seus benefícios e suas restrições à saúde.

Vários programas de educação nutricional vêm sendo criados em todo o mundo, com o objetivo

de prevenir doenças crônicas, apontadas como as principais causas de morte na idade adulta.

Programas de conscientização sobre a alimentação na escola e na comunidade são iniciativas muito bacanas e podem render muitos frutos. É interessante começarmos a ensinar as crianças ainda pequenas sobre as características das diferentes substâncias contidas na comida do dia a dia.

Saiba que isso pode ser feito de maneira divertida, através de receitas simples e historinhas contadas como apoio à prática da culinária.

## ➤➤➤ ATIVIDADE PROPOSTA

**PEDIR AOS ALUNOS QUE TRAGAM RECEITAS CULINÁRIAS DE FAMÍLIA PARA COMPARTILHAR COM OS COLEGAS.**

O conhecimento da nutrição é uma construção científica que os nutricionistas estabelecem, relacionando informações acerca do alimento e sua nutrição.

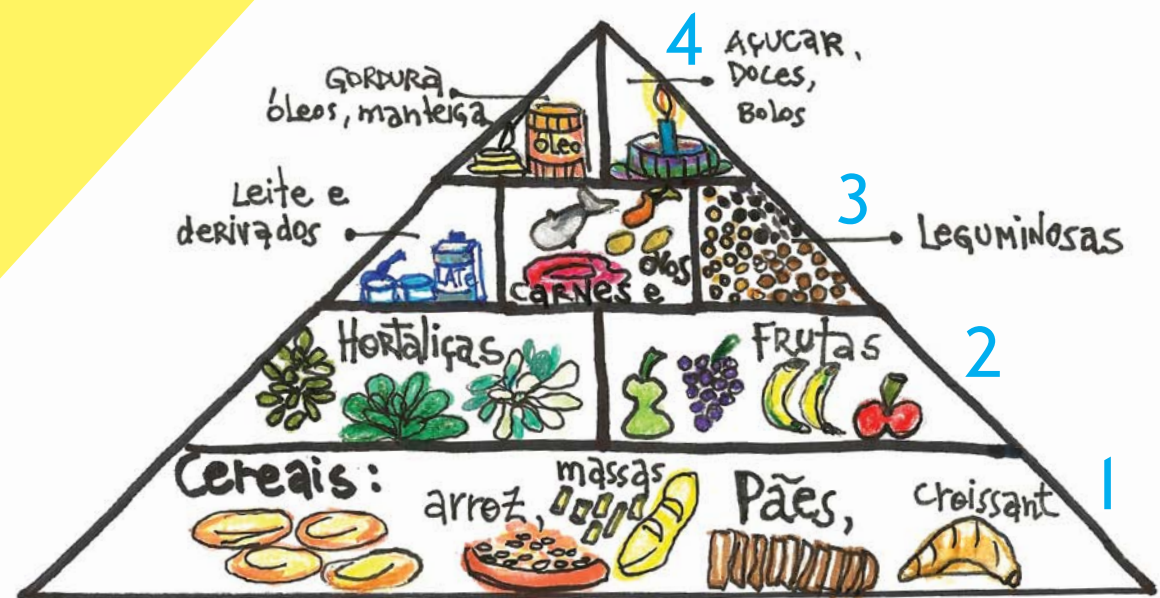
Ela pode ser ensinada na escola, com a ajuda de atividades interessantes e lúdicas, propostas por professores de várias áreas do conhecimento, além de ser levada às famílias através dos próprios alunos.

Já as empresas que produzem alimentos industrializados responsáveis, devem hoje criar produtos com composições que contenham nutrientes benéficos à saúde, evitando excessos de conservantes e químicos que possam ser prejudiciais.

# a pirâmide alimentar

Um dos grandes mandamentos da alimentação é a variedade, de modo que possamos consumir diferentes qualidades de alimentos, contendo diferentes composições químicas.

Dê uma olhada nessa ilustração e pense em cardápios que considerem essa variedade.



NÚMERO DE PORÇÕES DIÁRIAS RECOMENDADAS, DE ACORDO

COM A FAIXA ETÁRIA, POR GRUPO DA PIRÂMIDE ALIMENTAR

NÍVEL PIRÂMIDE	GRUPO ALIMENTAR	IDADE 6 A 11 MESES	IDADE 1 A 3 ANOS	IDADE PRÉ-ESCOLAR E ESCOLAR	ADOLESCENTES E ADULTOS
1	cereais, pães, tubérculos e raízes	3	5	5	5 a 9
2	verduras e legumes	3	3	3	4 a 5
	frutas	3	4	3	4 a 5
3	leites, queijos e iogurtes	leite materno*	3	3	3
	carnes e ovos	2	2	2	1 a 2
	feijões	1	1	1	1
4	óleos e gorduras	2	2	1	1 a 2
	açúcar e doces	0	1	1	1 a 2



## ➤ PARA ACOMPANHAR SEUS ALUNOS À EXPOSIÇÃO: ANTES, DURANTE E DEPOIS

### ANTES

Além de contextualizar e saber de quem é a obra e quando foi feita é importante que os visitantes entendam como apreciar uma exposição. Antes de levar seus alunos para a visita, instigue a curiosidade deles, convidando-os a fazer pequenas reflexões sobre o que verão.

#### UMA SUGESTÃO DE DINÂMICA:

Faça um círculo ou semi-círculo com as cadeiras, formando um fórum de debates, e lance algumas questões para ser conversadas em grupo. Elas podem ser:

- ▶ o que você espera encontrar numa exposição com esse título?
- ▶ se você fosse um artista, que obra de arte criaria para a mostra Arte Alimento?

(peça aos alunos para detalharem a imagem que lhes vem à mente, incluindo a descrição dos materiais que usariam para colocar em prática sua criação)

### DURANTE

A observação cuidadosa é a grande chave para a apreciação das obras de arte. O sentido da visão, associado à capacidade humana de interpretar aquilo que se enxerga, são os movimentos fundamentais para a prática da visita à exposição Arte Alimento.

Ao conduzir seus alunos na exposição, peça para que eles parem diante das obras que mais chamaram a sua atenção. Escolha alguns alunos e obras que apresentarão suas observações e interpretações aos colegas. Você pode pedir para que eles respondam, diante da obra escolhida, às seguintes questões:

- ▶ o que você vê?
- ▶ como você acha que o artista realizou essa obra?
- ▶ que materiais e técnicas utilizou?
- ▶ por que você escolheu essa obra para comentar?

### DEPOIS

O gênero da história da arte relacionado a comidas é a natureza-morta.

Em primeiro lugar, nesse momento, escolha com a classe as obras que mais marcaram vocês na exposição e faça conexões das obras com o período histórico em que foram criadas; para isso você pode utilizar a Linha do Tempo presente no Livro de Estudos. Isso é bem bacana, pois a experiência da visita torna-se também uma boa e instigante aula de história.

## ➤ AGORA VEM A PARTE PRÁTICA

**A** ideia do projeto final associado à apreciação da mostra Arte Alimento é a da criação de uma exposição de fotografias de naturezas-mortas, envolvendo o conceito de alimentação, feitas pelos próprios alunos.

O projeto pode ficar bem interessante e divertido (e não é nada complicado).

### VEJAMOS AS ETAPAS POSSÍVEIS:

- ▶ depois das conversas (fóruns) que aconteceram antes da exposição e da visita feita com a classe, em grupo, convoque os alunos para criarem, cada qual, o seu desenho de artealimento (peça para que desenhem uma mesa com uma combinação de alimentos arrumados sobre ela. Vale usar cestos, pratos, potes, toalhas, panos, alimentos naturais, como frutas e verduras, ou industriais, como latas, pacotes, etc).
- ▶ a partir do desenho, peça que eles tentem trazer de casa objetos reais, para criar composições próximas ao desenho, que serão fotografadas durante a aula.
- ▶ escolha uma mesa e reveze seus alunos na criação de suas naturezas mortas. Cada aluno fará um arranjo com os elementos e ingredientes que tiver trazido de casa.

▶ Cada composição arrumada sobre a mesa, agora será fotografada, utilizando uma câmera ou celular.

▶ Só falta agora imprimir as imagens (o mais fácil é imprimi-las no formato A4).

Agora você já tem uma interessante exposição de naturezas-mortas com o tema arte alimento, realizada cem por cento com o talento de seus próprios alunos.

Recomendamos que você reserve uma parede para expor as imagens, inventando um título para a exposição e uma legenda para cada aluno, com nome da obra e nome do artista.

**BOM TRABALHO!**

# linha do tempo



Séc. XV

## RENASCIMENTO/ IDADE MODERNA (1453 A 1789)

### Séc. XV

- Bíblia de Gutenberg
- Renascença italiana
- Fundação das Universidades de Bruges e Nantes
- Expansão das técnicas de agricultura na Europa e classificação de novas espécies de frutas e vegetais
- Colombo na América
- Pedro Álvares Cabral no Brasil

### Séc. XVIII

- Revolução Industrial na Inglaterra

### 1789

- Revolução Francesa



Séc. XV

## PRÉ-HISTÓRIA (DAS ORIGENS ATÉ 4000 AC)

No início o *homo sapiens* é nômade e vive da coleta de vegetais e da caça de animais

### 10000aC

- As primeiras plantações: início da agricultura no sudoeste asiático

### 9000 a 8000aC

- Início do pastoreio na Ásia

### 8000 a 6000aC

- Cultivo de arroz na Tailândia.
- Início da agricultura na Grécia

### 3200 aC

- Invenção da escrita
- Cultivo de milho no México e de batata no Peru

## ANTIGUIDADE (4000 AC ATÉ 476)

### 2000aC

- Criação de Stonehenge na Inglaterra

### 1500 aC

- Apogeu da civilização Egípcia

### 900aC

- Criação das cidades-estado na Grécia Antiga

### Séc. I

- Advento de Jesus Cristo

### Séc. II

- Apogeu do Império Romano

## IDADE MÉDIA (476 A 1453)

### Séc. V

- Fim do Império Romano do Ocidente

- Sistema feudal na Europa: agricultura e criação de animais para subsistência nos feudos

### Séc. VII

- Árabes conquistam Alexandria

### Séc. VIII

- Árabes conquistam a Espanha

### Séc. IX

- Primeiro livro impresso na China

### Séc. X

- Expansão Inca no Peru

### Séc. XI

- Primeira Cruzada (Urbano IV)
- Com as Cruzadas, os europeus entram em contato com os produtos alimentícios do Oriente, como a canela, o trigo, o açafrão, etc.

### Séc. XIII

- Gengis Khan no poder Constantinopla: Quarta Cruzada

## IDADE CONTEMPORÂNEA (1789 AOS DIAS DE HOJE)

### Séc. XIX

- Waterloo
- Congresso de Viena
- Unificação italiana
- Karl Marx e o Manifesto Comunista
- Charles Darwin e a Teoria da Evolução das Espécies
- Invenção da Fotografia

- Impressionismo inicia uma série de movimentos de arte de vanguarda, que surgem na primeira metade do século XX, na Europa, e que mudam para sempre a noção de arte.

- A partir dos movimentos de vanguarda, o artista está livre para criar sem o compromisso com a representação da realidade, ou da verossimilhança.



1909: Le Vieux Marc, 1914, Pablo Picasso

### Séc. XX

- O Hamburger é apresentado em uma feira mundial em St. Louis, Estados Unidos, em 1904

### 1905

- Teoria da Relatividade

### 1906

- Primeiro voo de avião - 14Bis

### 1909

- Invenção do cubismo por Picasso e Braque

### 1917

- Revolução Russa

### 1922

- Semana de Arte Moderna no Brasil
- URSS

### 1924

- Manifesto surrealista, a partir das novas descobertas sobre o inconsciente na psicanálise de Sigmund Freud

### 1929

- Quebra da Bolsa de Nova York e crise econômica mundial

1929: Natureza-morta, de Giorgio Morandi, 1946



### 1939

- II Guerra Mundial

### Anos 40

- Bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki
- Guerra fria
- Mao Tse-tung

### Anos 50

- Programa espacial soviético
- CEE e União Europeia

### Anos 60

- Arte pop começa na Inglaterra, mas toma força nos EUA com a obra de Andy Warhol, Lichtenstein e Oldenburg.

### Anos 90

- Guerra do Golfo
- Reunificação alemã
- Fim da URSS

Anos 60: Hamburger Gigante, Claes Oldenburg, 1962. Abaixo, Latas de sopas Campbell's, de Andy Warhol, 1965.



### Séc. XXI

- Invasão e ocupação norte-americana no Iraque
- Terrorismo e Alcaida
- Ataques de 11 de setembro a Nova York
- Primavera Árabe

## BREVE BIOGRAFIA DOS ARTISTAS

### NÚCLEO I - FRUTAS E FRUTEIRAS

#### PAUL CÉZANNE

MAÇÃS E LARANJAS, c. 1899

Óleo sobre tela, Musée d'Orsay - Paris, França

(Aix-en-Provence, França, 1839 - Aix-en-Provence, França, 1906)

Principal pintor do pós-impressionismo, seu trabalho é composto, sobretudo, por paisagens e naturezas-mortas, todas elas trazendo os avanços estéticos pelos quais buscou incansavelmente em seus radicais retiros.

O que moveu Cézanne foi buscar uma estética que desse conta de uma contradição: partir dos impressionistas para reencontrar um sentido de ordem e equilíbrio, ou seja, ir à análise estrutural da natureza por meio de uma pintura que apela preferencialmente à mente e à consciência (diferentemente das representações realistas e impressões fugazes exploradas pelos impressionistas). Era, também, pintar as formas e cores entregando-se às impressões que não fossem as que ele e seus colegas artistas já haviam aprendido.

Os complexos anseios de Cézanne estão, por exemplo, em Natureza-Morta com Frutas (1879-82), no qual as cores ultrapassam o limite dos objetos, pintados sem a delimitação comum à maioria das pinturas até então. O que se delineava, propriamente, eram as formas e os volumes, através das cores e pincelada grossas, para assim transmitir sensações como as de tranquilidade e equilíbrio, caso de Madame Cézanne (1883-1887). Cézanne descobriu que podia transmitir a sensação de solidez e profundidade sem recorrer ao desenho convencional e sim ao seu mosaico de cores, como bem mostra a pintura Montanhas na Provença (1886-90). As soluções de Cézanne são tão fundamentais à história da arte que Pablo Picasso serviu-se delas para avançar sua pintura rumo ao cubismo.

#### PRUNELLA CLOUGH

NATUREZA-MORTA COM PÊRA, 1950

Litografia em cores sem papel, MAC - USP - São Paulo, Brasil

(Londres, Inglaterra, 1919 - Londres, Inglaterra, 1999)

Pintora, desenhista e gravurista, estudou arte na Chelsea School of Art, em Londres. No início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ela começa a fazer algo atípico para um artista: desenhar gráficos e mapas para o Ministério da Guerra. Isso, contudo, condissu com a atenção que ela destacaria pelas paisagens urbanas e industriais de Londres, retratando pescadores, operários e estivadores em litogravuras, gravuras e pinturas.

Em suas pinturas, portanto, haverá uma forte recorrência de cores “da indústria”, como o cinza e o ferrugem, mantendo sua obra numa mesma faixa tonal. Tal coloração está, por exemplo, em Paisagem Geológica (1949) e Água-Viva (1950). Durante os anos 50, mantém seu estilo derivado do cubismo preocupado com a abstração das formas planas (mas sempre tendo a figuração como ponto de partida), como está em Can and Basket (1950), Cranes (1952) e Pimentões (1954) - nem mesmo neste último, os tons deixam de ser os pardos.

As cores surgem ao final dos anos 60, quando seus trabalhos ficam mais livres em termos tonais e de variação pictórica. Ao longo dos anos, Clough foi se aproximando ainda mais da abstração, como pode ser visto mais expressivamente em By the Canal (1976), Wire and Demolition (1982) e Broken Gates (1982).

### **ARDENGO SOFFICI**

NATUREZA-MORTA COM LEQUE, 1915

Têmpera sobre recorte de papel sobre papelão, MAC - USP - São Paulo, Brasil (Florença, Itália, 1879 - Florença, Itália, 1964)

Pintor, escritor e crítico de arte. Aos 21 anos, abandona o escritório de advocacia onde trabalha e parte para Paris, onde conhece escritores e pintores - dentre eles, Picasso, Georges Braque e Amedeo Modigliani, precursores do cubismo aos quais Soffici se junta.

Em 1907, instala-se na Itália e começa a trabalhar como crítico de arte. Funda, com o escritor Giovanni Papini, a revista Lacerba, que vai ser a porta-voz do futurismo na Itália.

Em 1909 publica seu primeiro livro, *Ignoto Toscano (Desconhecido Toscano)*, em parte autobiográfico. Torna-se, depois, o principal promotor do cubismo.

Alguns de seus artigos publicados na imprensa são célebres, como “Picasso e Braque”, no qual discerne os princípios do cubismo, inclusive promovendo-o.

Apesar do seu principal valor estar nas letras, Soffici adensou seu diálogo com as artes através da pintura. Obras como *Natureza-Morta (Baixa Velocidade)* (1913) e *Natureza-Morta com Ovo Vermelho* (1914) ilustram suas implicações críticas e um comprometimento com o futurismo e com o cubismo. A experiência militar na Primeira Guerra Mundial fê-lo romper com o futurismo. Isso aparece na pintura, quando ele aposta num gosto que jamais abandonou, o das naturezas-mortas, mas agora com certas tradições figurativas preservadas, como em *Jardim à Beira-Mar* (1933).

Na escrita, ele apadrinhará vários jovens artistas e continuará aberto ao diálogo com a arte moderna. Mesmo quando se torna um devoto da arte fascista, ainda assim ele milita por uma interessante conciliação entre o avant-garde e a estética “da ordem” referendada pelo regime, ponto-de-vista defendido em texto de 1928.

### **ANTONIO HENRIQUE AMARAL**

BRASILIANA 9, 1969

Óleo sobre aglomerado de madeira, MAC - USP - São Paulo, Brasil (São Paulo, SP, Brasil, 1935)

Pintor, gravador e desenhista, inicia sua formação artística no MASP e estuda gravura no Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM/SP. No início de sua carreira, produz desenhos e gravuras surrealistas. A partir da metade da década de 1960, realiza uma pintura realista que incorpora a temática social, flertando também com a pop art ao usar elementos da cultura de massa e uma iconografia popular. É o caso da célebre série de xilogravuras *O Meu e o Seu* (1967), na qual o artista critica a repressão do regime militar no Brasil.

Nessa toada, Amaral encontra na imagem da banana, ou por meio dela, uma forma de concentrar sua insatisfação com o conturbado momento histórico do país. Índice às avessas de uma identidade nacional, a figura é trabalhada em diversas situações: solitária e em cachos, transpassadas por cordas, facas ou garfos, maduras, verdes ou apodrecidas. Alguns destaques dessa série são a pintura *Banana (s/d)* e o óleo sobre aglomerado de madeira *Brasiliana 9* (1969).

Outras figuras-símbolo surgem nos anos seguintes, criando séries baseadas no bambu, no garfo, em seios enormes e dorsos femininos, na mata e na cidade.

## GIORGIO DE CHIRICO

O SONHO TRANSFORMADO, 1913

Óleo sobre tela, The Saint Louis Art Museum- Missouri, E.U.A.  
(Volo, Tessalia, Itália, 1888 - Roma, Itália, 1978)

Seu interesse pela filosofia de Nietzsche, Schopenhauer e Weininger, assim como pela cultura clássica de Nicolas Poussin e Claude Lorrain, e também pelo trabalho do pintor romântico Caspar David Friedrich, funda os paradigmas de sua obra. Assim, da iconografia que nasce do classicismo à metafísica discutida no pensamento nietzschiano, por exemplo, estão os elementos com os quais De Chirico põe em prática a pintura metafísica, estilo que abraça já antes da Primeira Guerra Mundial, e que funda com Carlo Carrà e Giorgio Morandi, em 1917. Por princípio, a pintura metafísica é a negação do presente e da realidade, ou seja, da história e sua temporalidade.

É assim que a pintura de De Chirico desprende-se da ideia de retratar diretamente a realidade para se dirigir a uma “outra realidade”. Junto ao descolamento da temporalidade, estão o mistério e a melancolia, já antecipados em O Enigma da Hora (1912) e A Nostalgia do Infinito (1913), e que permanecem em obras posteriores, com seus espaços vazios e figuras humanas inanimadas transmitindo um forte sentimento de solidão e silêncio.

A “improvável” incorporação de elementos típicos das naturezas-mortas, como luvas e bolas, e outros como compassos, régua, manequins, torres, estátuas e arquiteturas reconhecíveis, em ambientes de espacialidades recriadas, reforçaram o deslocamento. De Chirico foi influência não só para os surrealistas, mas também para artistas como Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti.

## RAOUL DUFY

NATUREZA-MORTA, s.d.

Óleo sobre tela, MAC - USP - São Paulo, Brasil  
(Le Havre, França, 1877 - Folcaquier, França, 1953)

Um dos principais pintores do grupo dos fauvistas. Inicia seus estudos em 1892, na Escola Municipal de Belas Artes da cidade de Havre. Em 1900, muda-se para Paris, onde se influencia pelos pintores de paisagens impressionistas Claude Monet e Camille Pissarro. Logo depois, ao conhecer Henry Matisse, junta-se ao grupo dos fauves (feras) e começa uma obra bastante orientada pela pintura deste artista. Chamado pelos críticos de “o pintor das cores alegres”, Dufy segue, portanto, algumas premissas do movimento, como a busca pela serenidade e contemplação ao invés dos temas perturbadores. Daí as cores fortes de Dufy expressarem esse estado de espírito aberto e disposto a encontrar a beleza (pictórica) do mundo. O artista cria inúmeros trabalhos em cerâmica, litogravuras, tapeçarias, aquarelas e cenários para teatro, sempre optando por pinceladas curtas a partir de uma paleta de cores mais quentes.

Suas aquarelas caracterizam-se pela dissociação entre cor e forma, característica que se torna marcante em sua obra. Seus quadros retratam momentos de um cotidiano abastado e belo, como o iatismo, a Riviera francesa, festas chiques e eventos musicais. Sua arte manteve-se atida a esses temas nos anos seguintes, como atestam algumas pinturas como A Família Kessler a Cavalos (1932), Cassino em Nice (1938) e Uma Celebração de Beleza (1951) e o papel de parede Torre Eiffel (1935).

## HENRI MATISSE

NATUREZA-MORTA, 1941

Óleo sobre tela, MAC - USP - São Paulo, Brasil

(Le Cateau-Cambrésis, França, 1869 – Cimiez, França, 1954)

Pintor, desenhista, gravurista e escultor, inicia-se na pintura no estilo pós-impresionista, para depois se tornar o principal artista do movimento fauvista.

Desde pequeno, graças à loja de tecelagem do pai, toma especial gosto pelas texturas e cores dos tecidos, algo que ecoará em seus trabalhos artísticos. Da pequena cidade ao norte da França, vai à capital do país, onde conhece Gustave Moreau, faz amizade com Paul Cézanne e conhece a obra de Gauguin. Impactado pelas cores fortes e pelo despojamento na passagem de uma cor para a outra, começa a produzir seus primeiros trabalhos fauvistas.

A regra dos fauves (feras) era obedecer aos impulsos instintivos, pintando junto a estas sensações, deixando fluir os impulsos interiores. Muitas vezes o aprendizado é questionado, e daí criar desobedecendo as regras tradicionais da pintura e a organização intelectual. Assim, as linhas e as cores devem jorrar no mesmo estado de pureza das crianças e dos selvagens. Evita-se, também, a ilusão de tridimensionalidade, e a tela apresenta-se plana, baseada na força das cores puras. Muitas vezes a realidade é deformada com a finalidade de produzir o estado de espírito do artista.

Em síntese, a pintura fauvista surge como verdadeira libertação do real, e é construída pelas sensações visuais impulsivas do artista. No caso de Matisse, sempre fiel à natureza-morta e ao nu, o volume vem do intenso contraste causado pelas cores puras, e não mais da modelagem ou do sombreado. Ele encontra caminhos graças ao seu interesse na arte de outras culturas, como a angularidade da escultura africana e o achatamento de estampas japonesas. É dessa aproximação que surgem pinturas como *A Música* (1909) e *A Dança* (1909), que parecem dialogar com essas artes estrangeiras.

## PAUL KLEE

NATUREZA MORTA COM QUATRO MAÇÃS, c. 1909

Óleo e cera sobre papel, The Museum of Modern Art, New York, E.U.A

(Münchenbuchsee, Suíça, 1879 – Muralto, Suíça, 1940)

Nascido em uma família de músicos, Paul Klee vai se dedicar inicialmente ao violino, mas na adolescência decide-se pelas artes plásticas e já aos 16 anos demonstra uma habilidade incomum para o desenho e pintura. Após estudar em Munique, Alemanha, casar-se e tentar em vão a carreira de ilustrador numa revista, Klee conhece, em 1911, o pintor russo Wassily Kandinsky, o expressionista Franz Marc, além de outros artistas engajados no abstracionismo. Engaja-se no grupo de vanguarda *Der Blaue Reiter* (O Cavaleiro Azul), formado por artistas de inspiração expressionista. A associação com Kandinsky abriu sua mente para a moderna teoria das cores, e suas viagens a Paris, por volta de 1912, colocaram-no em contato com outros movimentos de vanguarda, como o cubismo e o fauvismo.

Ainda que tenha pintado num estilo próximo do expressionismo, este contato eclético estimulou o talento de Klee não para copiar o trabalho dos seus colegas, mas sim em seguir um próprio caminho artístico bem singular (antecipado já na aquarela *In the Quarry*, de 1913, com suas cores pálidas pintadas em blocos).

A guinada ocorre, sobretudo, quando viaja à Tunísia, em 1914. A luz límpida do norte da África despertou seu senso sobre as cores e, durante sua estada, passa gradualmente a libertar a cor das figuras e a usá-la de forma livre e abstrata. Era o que lhe faltava para encontrar seu definitivo caminho na arte: a abstração. Artista difícil de enquadrar em poucas linhas da arte moderna, Paul Klee também emprestou seu talento à teoria das cores e aos estudos. Lecionou na Bauhaus alemã e escreveu importantes tratados sobre arte moderna.

### **ALBERTO MAGNELLI**

NATUREZA-MORTA COM MAÇÃ, 1914

Óleo sobre tela,

Musée National d'Art Moderne du Centre George Pompidou - Paris, França  
(Florença, Itália, 1881 - Meudon, França, 1971)

Produz pintura, colagem, desenho e poesia. Amigo íntimo dos futuristas, começa a pintar movido por uma curiosidade autodidata, o que o lança em uma ambiciosa pesquisa pelo experimentalismo.

A produção inicia-se com uma pintura abstrata influenciada pelo cubismo de Pablo Picasso, onde procura por uma simplificação dos volumes, adotando nos quadros uma cor mais brilhante, tratada de forma plana. Depois passa a uma pintura figurativa, com a presença de personagens entediados, pensativos, como em O Campo (1913-14) e na gravura Garçons de Café (1914).

A mudança mais brusca em sua obra se dá por volta de 1932, quando Magnelli busca unir figuração e abstração, firmando assim trabalhos com formas nítidas e cortantes, em cores ora foscas, ora brilhantes e sempre dispostas de forma plana na superfície. Alguns exemplos notáveis dessa fase estão em pinturas como as da série Pedras Explodindo (1931-34) e no óleo sobre tela Harmonique (1946).

### **PABLO PICASSO**

NATUREZA-MORTA COM JARRO E MAÇÃS, 1919

Óleo sobre tela, Musée Picasso, - Paris, França

(Málaga, Espanha, 1881 – Mougins, França, 1973)

O mais emblemático artista do século XX, pois aquele que melhor sintetiza e ilustra a experiência moderna das artes plásticas nesse período. Produz pinturas, esculturas, litogravuras, xilogravuras e escreve poesias. Junto de Georges Braque, funda o cubismo em 1907, quando pinta Les Demoiselles d'Avignon.

O cubismo recusa a arte como imitação da natureza e abandona totalmente as noções de perspectiva e modelagem. Cubos, volumes e planos geométricos entrecortados constroem formas que se apresentam simultaneamente, em vários ângulos nas telas, mostrando-se os objetos com todas as suas partes

num mesmo plano. A técnica está, inclusive, em esculturas de Picasso como Cabeça de Mulher (1932).

A técnica cubista foi sofrendo variações ao longo dos anos, ora menos “geométrica”, em Mulher com Chapéu Florido (1921), ora radical em trabalhos como Mulher Sentada (1927) e Pintor e Modelo (1928), flertados com o surrealismo.

Diante de uma produção tão complexa, a síntese talvez seja possível com o painel Guernica. Pintado após o bombardeio alemão contra a cidade espanhola homônima, em 1937, o trabalho de 35 m x 78,2 m reproduz, em branco e tons de cinza, o horror do ataque. Além de denúncia contra as atrocidades, é a obra que condensa o cubismo, o gosto pelo simbolismo surrealista e uma remissão a um certo figurativismo. É, também, um momento de engajamento político do artista, uma condição quase inexorável aos grandes gênios do século passado, como Picasso.

### **FRANCISCO BRENNAND**

BANDEJA VERDE, 1959

Óleo sobre tela, MAC - USP - São Paulo, Brasil

(Recife, PE, Brasil, 1927)

Ceramista, escultor, desenhista, pintor, tapeceiro, ilustrador e gravador, estudou em 1951 com importantes artistas em Paris, como Fernand Léger e André Lhote. Já ali, pinta naturezas-mortas, em obras que apresentam flores e frutos que parecem flutuar no espaço pictórico, realizados com linhas simplificadas e cores puras.

É na cerâmica, contudo, que Brennand descobre sua melhor expressão. Em 1971, recupera a velha olaria de seu pai, próxima a Recife, e a transforma em ateliê, onde passa a expor permanentemente suas obras.

Suas esculturas assemelham-se a totens, possuem relação direta com signos da tradição popular e de culturas arcaicas. É comum encontrar criaturas estranhas e seres deformados revelando um certo caráter mágico, figuras a ver com rituais de fertilidade ancestrais, e todos eles apresentando uma conotação fortemente sexual. Os traços mais ásperos e acabamento rude encontrados em toda a sua produção, sugerindo um caráter trágico às figuras, estão bem documentadas nas esculturas Vênus e Halia e na tela Auto-Retrato como Cardeal Inquisidor, pintada em 1948.



### **NINA MORAES**

DE CÁ E DE ACOLÁ, 2001-2004

Adesivos vinílicos sobre polipropileno sobre acrílico, Acervo Pessoal  
(São Paulo, Brasil, 1960)

Forma-se em artes visuais pela FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado, cursa filosofia na Universidade de São Paulo e assiste a aulas no Departamento de Artes Plásticas da mesma USP, onde faz contatos que terão grande influência em sua produção, com artistas como Carmela Gross, Regina Silveira e Julio Plaza. Durante esse início de carreira, Nina faz contato com outros artistas, como Leda Catunda, Iran do Espírito Santo, Ana Tavares e Monica Nador, criando uma interessante teia de discussão conceitual-artística. Assim como, no início dos anos 1980, quando mora na França, convive com figuras históricas do realismo novo, como François Dufrêne, Jacques Villeglé e Mimmo Rotella.

Suas obras configuram-se em objetos bidimensionais e tridimensionais. Em instalações, utiliza objetos do cotidiano, como pedaços de vidros e potes de compotas, líquidos, brinquedos de plástico e fragmentos de embalagens vazias nos quais muitas vezes também cola palavras. Muitos destes objetos são encontrados por ela nas ruas.

Os trabalhos mais recentes lidam com o acúmulo e a transitoriedade, comentando a sociedade de consumo que impõe uma descartabilidade a tudo, assim como a fugacidade das informações que impede a retenção e a reflexão sobre os fatos. É como se as novidades já surgissem ultrapassadas, velhas. Tal cunho político concede um valor especial à produção desta artista.

Nina Moraes participou de duas Bienais Internacionais de São Paulo, a XVI e a XVII, em 1981 e 1983, respectivamente, e esteve com seu trabalho também na Bienal de Arte de Havana, Cuba, em 1987.

## **NÚCLEO II - O PÃO NOSSO...**

### **GIORGIO MORANDI**

NATUREZA-MORTA, 1946

Óleo sobre tela, MAC - USP - São Paulo, Brasil  
(Bolonha, Itália, 1890 – Bolonha, Itália, 1964)

Pintor e gravurista, considerado um dos maiores estetas da natureza-morta, Morandi envereda, quando conhece os italianos Giorgio De Chirico e Carlo Carrà em 1917, na pintura metafísica - estilo que se preocupa sobretudo em recriar um universo que, em princípio, não existe na realidade, sendo assim um precursor da escola surrealista. Morandi parte dos objetos cotidianos, tradição da natureza morta. Influenciado pela obra de seu amigo, Paul Cézanne (outro mestre da natureza-morta), realizou célebres experimentos com garrafas, potes e outros utensílios domésticos que renderam obras-primas como os óleos sobre tela *Natureza-Morta* (1939) ou o *Água-forte em papel Sem Título* (1931).

Num estilo que foi migrando para o minimalismo e sempre marcado pela sutileza tonal e pelas gradações de cor, os elementos sempre aparecem dispostos como numa névoa atmosférica. Não era diferente, também, com as raras figuras humanas presentes em seus quadros, mostradas como corpos projetados em sombras, transmitindo solidão e silêncio.

Mesmo reservado, Morandi teve sua obra reconhecida inclusive no cinema, por dois cineastas também italianos: em *A Noite* (1961), de Michelangelo Antonioni, e *La Dolce Vita* (1960), de Federico Fellini.

## SALVADOR DALÍ

A CESTA DE PÃES, 1926

Óleo sobre painel, Salvador Dali Museum, St Petersburg - Florida, E.U.A.  
(Girona, Espanha, 1904 – Girona, 1989)

Um dos principais artistas do surrealismo, foi pintor, desenhista, fotógrafo e escultor. Fortemente influenciado pelas ideias da psicanálise de Sigmund Freud, Dalí procurou desde cedo reproduzir em suas telas a fantástica confusão do universo onírico. Em seus quadros, há uma mistura de fragmentos distintos impossíveis de estarem juntos no mundo real. O papel que essas partes cumprem na cena é o de significar algo, através de cada cor e de cada forma. A riqueza de elementos da pintura *O Grande Masturbador* (1929), que juntos formam um “corpo” único, e em *Metamorfose de Narciso* (1937), com as mãos segurando ovos com ramos, ilustram a complexidade do universo criado pelo artista. O ovo, dentro do simbolismo ao qual Dalí concebe seu repertório, expressam a esperança e a caridade. Além das frequentes conchas marinhas, relógios, olhos e narizes, diversos animais aparecem em todo o seu trabalho: formigas remontando à morte, decadência e o imenso desejo sexual, gafanhotos simbolizando o desperdício e o medo.

Na pintura, sua obra-prima (e trabalho mais conhecido) é *A Persistência da Memória*, concluído em 1931. Mas, assumindo a típica liberdade dos avant-garde, atuou em outras áreas, como a cinematográfica, dirigindo um filme, roteirizando e colaborando em vários outros. Nessa leva, escreveu o roteiro de *Um Cão Andaluz* (1929), de Luis Buñuel, curta-metragem notável pela construção onírica e imagens-símbolo como a de um olho sendo cortado por uma navalha, e concebeu a cenografia da famosa sequência de sonhos de *Quando Fala o Coração* (1945), de Alfred Hitchcock. Foi também autor de poemas pela mesma linha surrealista.

## PIERO MANZONI

ACHROME, 1961-1962

Pão pintado com kaolin, Gian Enzo Sperone Gallery - New York, E.U.A.  
(Soncino, Itália, 1933 – Milão, Itália, 1963)

Pintor, artista de formação autodidata, pesquisador e ensaísta. Logo se indagou sobre seu próprio papel como artista, o que tornou sua obra conceitual e provocativa, buscando dessacralizar o lugar e o papel do objeto artístico.

Convidando o espectador à interação, Manzoni ofereceu, em 1959, balões com sua expiração, os “sopro de artista” (*Fiato d’Artista*), vendendo-os a quem quisesse. Um ano depois, ovos cozidos contendo suas digitais foram ofertados para o público devorar a sua obra de arte.

Mas foi em maio de 1961 que Manzoni fez sua mais conhecida (e polêmica) obra: ele defecou em 90 pequenas latas e as etiquetou com o texto que é o nome desta obra, *Merde d’Artista* (“Merda de Artista”); nos anos seguintes, ele as distribuiu a várias coleções de arte por todo o mundo, vendendo-as à cotação do ouro, angariando também diversos prêmios. Muitas destas “obras de arte” explodiram, resultado de corrosão e dos gases fecais em expansão na lata.

A ideia, em ambas as obras, era questionar o real valor do artista e de sua obra. Algo que continuaria em diversos outros trabalhos, que se notabilizaram pela experimentação do artista, que testava materiais químicos atípicos na atividade artística ou idealizava objetos, como um animal mecânico que fazia o papel de escultura móvel.

Manzoni morreu precocemente, de infarto, aos 30 anos, alimentando sua aura rebelde que inspira alguns artistas contemporâneos.

### **LUIS MELÉNDEZ**

NATUREZA-MORTA COM FIGOS E PÃO, 1760s.

Óleo sobre tela, National Gallery of Art - Washington, E.U.A.

(Nápoles, Itália, 1716 - Madri, Espanha, 1780)

No século XVIII, a pintura de natureza-morta espanhola atinge seu ápice com a obra de Luis Mélenéz. Os pintores deste gênero eram conhecidos por transformar qualquer arranjo de fruta, queijo, pão e objetos do cotidiano em austeras imagens místicas. Mélenéz atualiza e enriquece essa tradição, estudando, como os mestres do século XVII, os efeitos de iluminação, textura e cor de vários elementos, de frutas e vegetais a potes de vidro, de barro e de cobre.

No entanto, difere da concepção seiscentista ao optar por apresentar seus temas fisicamente mais próximos ao espectador, utilizando um ponto de vista mais baixo, estimulando o espectador a estudar os objetos por si mesmos. Esta forma de exploração diferenciada, mudando-se a maneira de olhar a obra, estava em sintonia com o crescente espírito iluminista.

Mélenéz pintou suas naturezas-mortas com um sério sentido de reverência às coisas normais da vida cotidiana, que ele estudava com enorme interesse visual. Sua extraordinária habilidade descritiva, que buscava na incidência da luz nos objetos a base da representação na tela, o pintor parece ter passado mais tempo iluminando suas cenas do que preparando os pigmentos em sua paleta. Isso fica claro no impressionante Natureza-Morta com Salmão, Limão e Três Vasilhames (1772) e Natureza-Morta com Melão e Peras (s/d).

### **DÁCIO BICUDO**

► DO NOT X-RAY, 2012

Coleção do artista

(Pouso Alegre, MG 1948)

► CABEÇAS, 2012

Registro de performance

Acervo do artista

Formado em Educação Artística pela Belas Artes e em cinema pela ECA-USP, é artista multimídia, cenógrafo, ilustrador, cineasta, diretor teatral, com obra que se notabiliza pela intervenção em espaços públicos e conhecida no País de Gales e em Cuba. Bicudo defende a dessacralização do museu como espaço sagrado da arte, delegando à produção artística um papel mais intenso e profundo como expressão democrática pela liberdade e pela coletividade. É assim, por exemplo, que a intervenção Rizoma na Linha Vermelha (2008) defendeu o acesso para o (re)conhecimento da criação artística brasileira: uma linha de quase 4 km de extensão, com nomes de mais de 100 artistas plásticos, atravessou o centro de Salvador, convidando os cidadãos a acompanharem-na até sua origem, no MAM. Seguindo essa premissa da cidade como campo ampliado da arte, Dácio assinou Espaços Comunicantes, uma intervenção coletiva que discutia o dentro e o fora entre edifícios e espaços públicos de São Paulo. Em Controle, caixas acrílicas, algumas com textos vazados, sugerindo o controle que sofremos da mídia. Em Oxigênio (em parceria com Katia Canton), ocupações livres ocorreram numa praça em São Paulo, promovendo uma ocupação efetiva de um espaço tão público quanto formatado e controlado.

Entre instalação, fotografia, pintura e escultura, sua experiência em produção audiovisual lhe serviu para utilizar a fotografia, o áudio e o vídeo para, em Transmissão, discutir o papel da religião, hoje, juntos aos canais de rádio e televisão.

## NÚCLEO III - VEGETAIS X ANIMAIS

### **WILLIAM SCOTT**

**NATUREZA-MORTA, 1949**

Litografia em cores sobre papel, MAC - USP - São Paulo, Brasil  
(Greenock, Escócia, 1913 - Coleford, Inglaterra, 1989)

Quando jovem e órfão de pai, Scott é enviado para uma escola de artes pelo conselho da cidade, que percebe seu talento nato. Serve o exército, durante a Segunda Guerra Mundial, o que lhe dá escassa mas interessante chance de produzir aquarelas retratando soldados e a paisagens. Em 1946, segue para a pintura de naturezas-mortas, de panelas, peixes, ovos, garrafas, geralmente sobre uma mesa da cozinha nua, numa ambiência muito a ver com a de sua experiência de vida. *Frying Pan and Eggs* (1949) é um exemplo. Ele escolhe estes objetos porque pode contrastá-los com fundos simples, obtendo sempre um efeito equilibrado e elegante.

Por volta de 1951, suas formas começam a assumir vida própria, algumas vezes como metáforas do encontro erótico entre masculino e feminino, ou de um encontro entre formas e cores. Influenciado pelo abstracionismo norte-americano de Jackson Pollock, a quem conhece, possui uma breve fase abstrata. Ao final dos anos 1960, retorna à figuração e reintroduz os objetos, como frigideiras e panelas justapostos com formas abstratas, com o espaço da imagem mantido plano e as formas cuidadosamente espaçadas em linhas que parecem flutuar no espaço.

Tanto nas pinturas como nas gravuras, Scott produz variações de formas quase idênticas, mas com cores completamente diferentes. Como sempre em sua obra, o tema da natureza-morta é o ponto de partida para o exercício formal.

### **MARCEL BROODTHAERS**

▶ **CAÇAROÇA E MEXILHÕES FECHADOS, 1964**

Instalação com metal e mexilhões, Tate Gallery - Londres, Inglaterra

▶ **PEQUENA GAIOLA COM OVOS, 1965-1966**

Madeira, Arame e Cascas de ovo, Caldic Collection - Roterdã, Holanda  
(Bruxelas, Bélgica, 1924 - Colônia, Alemanha, 1976)

Poeta, fotógrafo, cineasta e artista, começou na escrita aos 16 anos. Na mesma época, vai tendo contato com os surrealistas, especialmente com René Magritte. Em 1958, aos 34 anos, o artista publica artigos ilustrados com suas próprias fotografias. E, ao final de 1963, decide enveredar pela arte. Ele trabalha, principalmente, com montagens de objetos encontrados e com colagens muitas vezes contendo textos escritos. Sua primeira mostra individual ocorre aos 40 anos e apresenta objetos do cotidiano sobre os quais foram impressos desenhos, palavras e letras soltas.

Muitas vezes usa trocadilhos visuais-verbais em seus livros e catálogos e faz impressões sobre diversos suportes. Não é diferente no cinema, onde a tipologia ganha frequência nos 14 curtas-metragens que dirigiu.

Em 1968, realiza sua mais importante obra, pois é a que mais traz uma das questões que motivaram a arte de Broodthaers: a crítica ao papel da arte como mercadoria e a indagação sobre o que é efetivamente artístico. É sobre este assunto que trata a instalação *Musée d'Art Moderne, Département des Aigles, Séction Publicité*, iniciada em seu próprio apartamento em Bruxelas, em 1968, e seguindo em modificações por vários museus até se fixar em 1972, expõe cartões-postais feitos com pinturas e embalagens vazias - tudo alertando sobre o circuito institucional e as interrelações entre obras de arte, artistas e museus.

Apesar dos curtos 12 anos de produtividade, Broodthaers tornou-se uma inspiração para a nova geração de artistas belgas, que adotam algumas de suas estratégias formais.

## JOACHIM BEUCKELAER

A VENDEDORA DE VEGETAIS, 1563

Óleo sobre madeira, Musée des Beaux Arts - Valenciennes, França  
(Antuérpia, Bélgica, 1533 - 1574)

Vindo de uma família de pintores da Antuérpia, ao norte da Bélgica, aprendeu a pintar ainda bem jovem, ensinado por seu tio Pieter Aertsen, pintor holandês influente na Itália, conhecido por pintar cenas do cotidiano como mercados e cenas de cozinha.

Beuckelaer especializa-se em pintar estas cenas e compõe imagens de gênero e naturezas-mortas, sobretudo em painéis, incluindo muitas vezes histórias bíblicas ao fundo da cena.

Pinta imagens populares, com pessoas preparando grande quantidade de alimentos, geralmente com muitas pessoas ao redor. Mas sua recorrência é na alusão aos conteúdos sagrados, da Bíblia, como em *The Four Elements: Water* (1659), onde mostra mercadores oferecendo 12 tipos de peixe, remetendo aos apóstolos de Jesus. Participa, com outros artistas, de projetos monumentais para igrejas. Por volta de 1560, abandona os painéis e se volta para as telas.

Não possuía seguidores imediatos na Antuérpia, mas seu trabalho ficou muito popular no norte da Itália, pelas cenas de cozinha e mercados, o que inspirou inclusive o pintor barroco Annibale Carracci a realizar suas cenas de paisagem, cotidianas e bíblicas.

## MARIO MERZ

MESA EM ESPIRAL, ALUMÍNIO, VIDRO, FRUTAS E VEGETAIS, 1982

Instalação com alumínio, vidro, frutas e vegetais,  
Sperone Westwater Gallery - New York, E.U.A.  
(Milão, Itália, 1925 - Torino, Itália, 2003)

Começa a desenhar durante a Segunda Guerra Mundial, quando ficou preso por ser antifacista. Já no cárcere, fazia desenhos sem tirar a ponta do lápis do papel. Após um período autodidata em que se interessa pela obra do francês Jean Dubuffet e do norte-americano Jackson Pollock, Merz envolve-se no movimento Arte Informal e realiza sua primeira exposição em 1953.

Nos anos 60, apresenta um desejo de explorar a transmissão de energia do orgânico ao inorgânico, uma curiosidade que o levou a criar obras em que as luzes de neon perfuravam objetos do cotidiano, como um guarda-chuva, um copo, uma garrafa ou a sua própria capa de chuva. E em 1968, forma com colegas o movimento Arte Povera (Arte Pobre), que abdica de objetos destinados para realização artística e opta por materiais pré-existentes e objetos sem menor potencial estético, como areia, madeira, tacos, jornais, cordas, terra e trapos, por exemplo. Com essas escolhas, cria estruturas tridimensionais (como instalações) que sugerem simplicidade e até mesmo pobreza. Discutia-se aqui, também, a junção de elementos naturais e artificiais, ambos jamais pensados para as artes. *Cidade Irreal*, do mesmo ano, exemplifica bem essa estética.

A Arte Povera foi um dos movimentos mais influentes da arte italiana do século XX. Esta corrente artística desenvolveu-se ao longo da década de 1970, período em que os artistas voltaram a sua atenção para as temáticas da natureza, e seus derivados, rompendo com os processos industriais e revelando a sua crítica ao empobrecimento de uma sociedade guiada pelo acúmulo de riquezas materiais.

### **CHEN-KONG-FANG**

NATUREZA-MORTA COM BULBOS DE LÍRIOS, 1977

Óleo sobre tela, MAC - USP  
(Tung Cheng, 1931)

Pintor, desenhista, gravador e professor. Com 6 anos de idade, Fang começa a desenhar com o incentivo do pai e aos 14 passa a estudar sumi-ê e aquarela. Aos 24 anos, muda-se para o Brasil, onde estuda pintura com o mestre Yoshiya Takaoka. Naturaliza-se brasileiro aos 40 anos.

Sua primeira exposição individual ocorre aos seus 28 anos, onde mostra obras como a pintura a óleo Menino (1958). Logo depois, entre 1965 e 1967, Fang flerta brevemente com a pintura abstrata, influenciado pelo modismo da época, mas logo retorna à sua inclinação figurativista. Nessa leva, estão obras como Noiva no Pantanal (1970). Seus temas, do casario e plantas a paisagens e brinquedos de criança, frequentam telas que foram, no correr dos anos, apresentando uma pintura que experimentava volumes, cores, perspectivas e um certo minimalismo. Tal traço pode ser visto em Natureza Permanente em Branco (1979), Peixe de Latão (1980), Composição de Marionete (1984) e Gato Filósofo (1989).

Em 1981, Fang tem seu percurso descrito no curta-metragem O Caminho de Fang. Em 1985, visita a China convidado pelo governo chinês. Nos últimos anos, sua obra tem sido exposta e ele apresentado novos trabalhos, como a série de desenhos e serigrafias Fang e Amigos (2004).

### **GUTO LACAZ**

NABO, 1980

Massa plástica  
(São Paulo, SP, 1948)

Arquiteto pela FAU-USP e artista plástico, com produção artística em ilustração, design, fotografia, desenho e performance. Em seu conjunto de obras, de esculturas lúdicas, videoinstalações e multimídia a eletroperformances, design de instrumentos “científicos” e de objetos cotidianos, Lacaz expressa sua crítica à mentalidade produtiva dos meios industriais. Daí ele conceber às suas máquinas e instalações uma engenharia de desconstrução e desorganização, transmitindo a inutilidade funcional de dispositivos, ou então deslocando objetos para lhes impor novas funcionalidades, como fizera Marcel Duchamp.

O Nabo (2001), Helicubo e a intervenção no parque do Ibirapuera OFNI - Objetos Flutuantes Não Identificados são alguns trabalhos deste artista cuja expressão assemelha-se a de um ator, mágico e cientista.

## NUCLEO IV – ESTRANHOS ALIMENTOS

### GIUSEPPE ARCIMBOLDO

O Verão (Retrato com Hortaliças), 1573

Óleo sobre tela, Museu Cívico - Cremona, Itália  
(Milão, sob o Reino de Habsburgo, 1527 - Praga,  
Reino da Boêmia/actual República Tcheca, 1593)

Também grafado como Arcimboldo. Ainda na cidade natal, trabalhou com o pai nos vitrais da principal catedral. Quando se muda para a capital da Boêmia, conhece a Câmara de Arte no Museu de Praga, que abrigava um interesse quase científico pelas novas descobertas, pesquisando pessoas, objetos, alimentos, anomalias etc. É nesse contexto que Archimboldo migra para o maneirismo (que era uma derivação quase natural da arte renascentista), mas não para colocar nos seus quadros, um aspecto espiritual como El Greco, e sim os detalhes mundanos (do mundo).

É assim que surge o seu gosto pelo exótico, que seria o melhor meio para Arcimboldo lidar com elementos jamais pensados para compor um retrato em tela, como frutas, flores, animais, livros ou utensílios domésticos, que, juntos, sugeriam formas humanas. Foi na série As Quatro Estações que o artista apresentou essa estética pela primeira vez. Ao usar elementos típicos das naturezas-mortas para compor retratos, o pintor ousou ao reproduzir um antropomorfismo típico do ocultismo, fundindo itens insociáveis e apostando numa ilusão de ótica alienígena na arte renascentista. Isso está, por exemplo, em O Verão (Retrato com Hortaliças), de 1573.

A arte moderna do século XX deve muito à pintura de Arcimboldo e hoje ainda é possível encontrar seus traços até mesmo numa criação gráfica a partir do monstro de Alien - O Oitavo Passageiro (1979), um clássico do terror espacial no cinema.

### CLAES OLDENBURG

▶ HAMBURGUER GIGANTE, 1962

Escultura, Art Gallery of Ontario - Toronto, Canadá

▶ A VITRINE DE DOCES

Resina, metal e vidro, The Museum of Modern Art - New York, E.U.A.  
(Estocolmo, Suécia, 1929)

Sueco que migrou para Nova York em 1957, onde se fixou, é o grande representante da pop art nos Estados Unidos, junto com Andy Warhol e Roy Lichtenstein. Sua produção ganha força no início dos anos 60, já entrosado com o movimento e realizando vários happenings e performances.

Seus trabalhos mais relevantes surgem a seguir, nas esculturas moles (soft sculptures), feitas de papel-machê e outros materiais. Se nos happenings eram trazidos vários itens de consumo típicos do cotidiano urbano, como rádios, garrafas e embalagens, agora Oldenburg reproduz esses objetos em suas esculturas. Através de hambúrgueres, hot-dogs, sorvetes e outras comidas industrializadas, ou peças domésticas como a banheira e vaso sanitário, o artista criticou ácida e ironicamente a sociedade de consumo. Tintas em cores berrantes, cobrindo hemorragicamente as peças, colocam as peças e a sua representação em evidência.

Célebre também são suas enormes esculturas, destinadas ao espaço público, como monumentos. A Giant Pool Balls (1977), em Münster, Alemanha, a The Bottle of Notes (1993), em Middlesbrough, Inglaterra, e a política Lipstick (Ascending) on Caterpillar Tracks (1974) em Yale, EUA - o batom, aqui, ganha um inesperado papel bélico - são alguns trabalhos notáveis de Oldenburg espalhados pelo mundo.

### ANDY WARHOL

LATAS DE SOPA CAMPBELL'S, 1965

Serigrafia sobre tela, AUTVIS, 2004, The Museum of Modern Art - New York, E.U.A. (Pensilvania, EUA, 1928 - Nova York, EUA, 1987)

Um dos expoentes da pop art norte-americana, movimento que surgiu no final dos anos 1950, Warhol tinha formação em design e trabalhou como ilustrador em revistas como a New Yorker e em anúncios publicitários. Isso explica sua escolha pelo desenvolvimento de técnicas gráficas e tipográficas e o uso de grandes formatos.

Dos artistas do movimento pop, é o que mais trabalha com os símbolos da civilização de consumo, como as latas de sopa Campbell, a garrafa de Coca-Cola e personalidades como Elvis Presley, Che Guevara, Pelé, Elizabeth Taylor e Marilyn Monroe. Uma das técnicas mais utilizadas por Warhol era a transposição fotográfica por meio da serigrafia de imagens reproduzidas em série, como num processo mecânico.

Agitador cultural, Warhol foi mentor da banda The Velvet Underground, fundou o célebre estúdio The Factory, onde reuniu vários artistas e realizou dezenas de filmes onde comentava sobre a exploração da sociedade de consumo.

### NELSON LEIRNER

BOLO DE NOIVA, 2008

Instalação | Bolsa de Arte - Porto Alegre, Brasil  
(São Paulo, 1932)

Pintor, desenhista, professor e cenógrafo. Identificando-se com os trabalhos de Paul Klee, inicia os estudos de pintura nos anos 50. A partir de 1964, passa a questionar mais incisivamente os propósitos da arte e o papel do artista. Opta pela utilização de materiais de origens diversas para deslocar o sentido dos objetos, denunciando as potencialidades e limites das obras e também as respectivas repercussões críticas. Que Horas São D. Cândida (1964) é a obra que marca o início deste posicionamento que marcará Leirner como um dos mais engajados, brilhantes e polêmicos artistas plásticos brasileiros.

O happening é a principal ferramenta de Nelson Leirner para debater sobre o papel do artista e da arte no mercado, além de criticar o regime militar no Brasil dos anos 60 e 70 (como na série Rebelião dos Animais, de 1974). Nesse espírito, Leirner funda, em 1966, ao lado de Wesley Duke Lee, Geraldo de Barros, Carlos Fajardo, Frederico Nasser e José Resende, o Grupo Rex. O coletivo cria um jornal (Rex Time) e um espaço (Rex Gallery & Sons), e faz intervenções irreverentes e provocativas que defendem uma revisão do status da arte e sua necessária popularização, inclusive convidando o espectador à participação (em obras como Você Faz Parte I e II, ambas de 1966).

Também marcante é o happening que celebra o fim das atividades do Grupo Rex, no final de 1967, Exposição-Não-Exposição, no qual os frequentadores podiam intervir no espaço de uma galeria, levando consigo as obras expostas para vendê-las, destruí-las ou guardá-las. Na ocasião, a galeria foi esvaziada e destruída em menos de 10 minutos, a contento de Leirner e seus colegas.

A instalação O Grande Combate (1985) marca outra fase de Leirner, voltado ao universo afro-brasileiro, utilizando imagens de santos, brinquedos infantis e réplicas de animais. Com produção marcada pelo trânsito livre (até direção de filmes em Super-8 nos anos 70), o artista vem lidando, nos últimos anos, com o repertório da publicidade, com os mesmos humor e irreverência crítica com os quais sua produção contribuiu para a história da arte no Brasil.



## MERET OPPENHEIM

OBJETO, 1936

Escultura com cerâmica, alumínio e pelo de animais,  
Museum of Modern Art - New York, E.U.A.  
(Berlim, Alemanha, 1913 - Basel, Suíça, 1985)

Pintora, escultora e poetisa, aos 16 anos, estimulada por uma exposição onde vê obras de Paul Klee, produz seu primeiro trabalho surrealista.

Em 1932, decide morar em Paris e matricula-se na Academia de Belas Artes, mas logo se entedia com a rotina acadêmica e passa seus dias em galerias e cafés, escrevendo suas primeiras poesias. É onde toma contato mais estreito com os artistas surrealistas, através de Alberto Giacometti e Hans Arp, que se tornam seus mentores.

Oppenheim frequenta tanto as exposições coletivas quanto o próprio trabalho desses artistas. É célebre a série de fotografias eróticas que Ray tirou de sua belíssima Oppenheim em 1933, construindo-se a fascinante imagem da criança-mulher que inspirou os artistas. Torna-se, enfim, um ícone da mulher surrealista que, através da sua liberdade, juventude e encanto, tinha acesso mais direto ao universo onírico e do inconsciente.

Em 1937, sua obra Objeto (1936), uma xícara de chá forrada com pele de gazela, exposta no MoMA - Museu de Arte Moderna de Nova York, é escolhida pelos visitantes como o objeto por excelência surrealista - as associações ricas e a poética inquietante trazidas por esta obra trouxeram uma enorme atenção e reconhecimento à artista, na época com apenas 22 anos.

Após esta fase de sucesso e reconhecimento, a artista passa por uma fase de crise artística e pessoal, na qual destrói boa parte do que produz e só retorna a trabalhar nos anos 1950. Sua escassa produção não deixou de oferecer ao mundo alguns trabalhos destacados, como a impressionante escultura Espiral (1971).

## NINO CAIS

MAIASTRA, 2006

Fotografia | Acervo do Artista  
(São Paulo, 1969)

Um dos importantes representantes da geração dos anos 2000, Nino Cais tem na colagem e na fotografia os principais meios para esmiuçar a relação transformadora entre corpo e mundo, buscando uma realidade sensorial e familiar relacionada com a memória e a afetividade. Em suma, sua obra trabalha com as referencialidades para, assim, discutir também a identidade.

Sua produção abrange os happenings, a instalação, a fotografia, a escultura e as performances em vídeo, em trabalhos que vão do nanquim sobre papel (Série Tentativa de Vôo, de 2006) a colagens que utilizam recortes de revistas que tampam os rostos de pessoas fotografadas. Mais usualmente, Nino utiliza seu corpo junto a diversos objetos, criando efeitos inusitados. Como ele mesmo diz, seu corpo é uma espécie de ímã que atrai e toma posse dos objetos.

A síntese desta busca artística está na instalação *Maiastra* (2006), que traz a idéia de transformação e também adota o mesmo nome de um personagem de fábula romena: o pássaro mágico *Maiastra*, que pode falar e mudar sua aparência para assim ajudar os heróis em sua saga. Em *Maiastra*, é o próprio artista, apoiando-se sobre frascos de vidro, quem emula a imagem da ave.

Já notabilizado em sua primeira exposição individual, *A Trama Refeita*, em 2001, apresentada na mesma Faculdade Santa Marcelina onde se formou em artes plásticas, Nino Cais soma diversas coletivas e individuais, com destaque para a coletiva *Pinta* (2007), no Metropolitan Museum, em Nova York, a mostra coletiva *Trilhas do Desejo* (com trabalhos dos selecionados no Rumos Itaú Cultural 2008-2009) e a mostra *Projection* (2010), em Paris.

Nino Cais está entre os 110 artistas convidados a participar da 30ª Bienal de São Paulo.

### **JOSELY CARVALHO**

**KIMCHI, 1998**

Video com 3.08 minutos

(Curitiba, PR, 1942)

Artista multimídia, produz objetos, gravuras, pinturas, poesias, vídeo-som, livro-arte, fotografia, instalação e web art. Estuda desenho e pintura na FAAP, em São Paulo e, em 1964, viaja para os Estados Unidos para estudar xilogravura. Lá se instala, fazendo uma “ponte-aérea” com o Rio de Janeiro, inclusive produzindo em ambas as cidades. Isso explica seus temas tratarem sobre o deslocamento, o hibridismo e a transitoriedade no mundo globalizado, além das obras também trazerem questões sociais e culturais.

Em suas instalações, Josely mistura projeções eletrônicas e digitais com materiais artesanais ou industriais, como telhas, tijolos e madeira. É nessa leva que está o seu mais importante trabalho, o “work in progress” Book of Roofs. Outro destaque é a instalação no Memorial Armênia, na Estação Armênia do Metrô, em São Paulo, feito em memória ao genocídio contra os armênios ocorrido pelo Império Otomano, em 1915.

### **ALEX FLEMMING**

**CORDEIRO DE DEUS, 1991**

Acrílica sobre animal empalhado e escumadeiras de alumínio, MAC - USP - São Paulo, Brasil

(São Paulo, 1954)

Paulistano, filho de pai piloto de avião e mãe aeromoça, com os quais também viveu na Flórida e em Lisboa, Alex Flemming decidiu-se por ser artista aos 5 anos de idade, quando iniciou contato com as técnicas de pintura e gravura. Estudou arquitetura, mas não concluiu o curso. Com uma bolsa de estudos, mora em Nova York e depois viaja a Berlim, onde decide se instalar definitivamente. Essa transi-

toriedade define sua obra, rica em registros variados representados em pinturas, objetos e instalações híbridas. A vida (corpo e sexualidade), morte e espiritualidade são alguns de seus recorrentes temas.

Flemming é o autor de Estação Sumaré, situada na estação Sumaré de metrô, em São Paulo. Nela, o artista homenageia a população da cidade por meio de fotos de pessoas comuns e às quais é atribuído um poema, escrito em letras meio bordadas, com alguns trechos invertidos ou ausentes.

### **REGINA SILVEIRA**

**SÍMILE 4, 1983**

Litografia sobre papel, MAC - USP - São Paulo, Brasil

(Porto Alegre, RS, 1939)

Formada em pintura pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1959, lecionou em diversas instituições brasileiras, como FAAP e USP. Sua obra caracteriza-se pela subversão da perspectiva, com referências ao dadaísmo e surrealismo, e questiona a natureza da representação visual. Para tal, faz uso da sombra como índice de ausência (um exemplo está na representação de sombras sem a presença do elemento causador).

Artista multimídia, Silveira também envereda por outras questões e suportes, como a dilaceração do indivíduo na sociedade contemporânea, tematizada nas serigrafias Middle Class & Co. (1971-72), e diversos outros assuntos contemporâneos, presentes em diversos trabalhos, da videoarte às instalações, mail-art e fotografia.

A contribuição de Regina Silveira estende-se à formação de alguns dos mais expressivos artistas brasileiros, de Mônica Nador e Ana Maria Tavares a Rafael França e Iran do Espírito Santo.

## CRISTINA ROGOZINSKI

TIGELA 11, 2001

Tinta latex sobre resina 1100 x 160 x 5 cm | coleção da artista  
(São Paulo, SP, 1965)

Forma-se no curso de artes plásticas da FAAP em 1988, onde foi aluna de Nelson Leirner, Cláudio Mubarac e Jac Leirner.

Seus primeiros trabalhos foram mostrados em 1990, na coletiva de artistas brasileiros na Bloomsbury Gallery, em Londres. Sua obra é bem humorada, com influência do escultor Claes Oldenburg, lidando com a tridimensionalidade em reproduções de animais, objetos de uso cotidiano e alimentos embalados e materiais baratos. São vacas de fibra de vidro cobertas com sacos de leite, tomates com latas de molho e bifês com latas de óleo. Segundo a artista Georgia Lobacheff, Cristina “lida com questões de semiótica (...), relaciona o material usado com a figura resultante”. Assim, “quando o relevo representava um sapato, as folhas de flandres eram de graxas de sapato”.

Desde 1992, apresenta seu trabalho em exposições individuais periódicas em galerias e museus de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Lisboa. Em 2003, na Galeria Valu Oria, em São Paulo, apresentou a série Incontíveis, com múltiplos feitos com potes e pratos de porcelana vazios guardados em caixas acrílicas.

Uma de suas últimas exposições individuais importantes foi Paisagens, trabalho em colaboração com a também artista Flávia Ribeiro e apresentado em 2008 na Estação Pinacoteca, em São Paulo.

## DOMENICO GNOLI

SEM UMA NATUREZA-MORTA, 1966

Acrílico e areia, Staatliche Museum Berlin Neue Nationalgalerie - Berlim,  
Alemanha

(Roma, Itália, 1933 - Nova York, EUA, 1970)

Filho de pai historiador de arte e mãe pintora e ceramista, Gnolli começa cedo a estudar artes, abandonando as aulas de cenografia, na Academia de Belas Artes de Roma, para se tornar ator. Seu contato com o mundo do teatro serve como um trampolim para ele conceber cenários para peças, inclusive óperas monumentais. Mais tarde, decide morar em Nova York onde trabalha como ilustrador para revistas renomadas como a Vogue.

No começo dos anos 1960, Gnolli concentra sua carreira como pintor. Sua pintura realista apresenta objetos e pessoas imóveis em um recorte muito particular do objeto observado, que evidencia tecidos, estampas, detalhes e geralmente não mostra os rostos. Está focado em representar objetos do dia-a-dia, como cadeiras e sofás, ou detalhes de um cabelo e de uma roupa.

É um trabalho de grande aceitação da crítica e público da pop art, por trazer elementos cotidianos em pinturas realistas, mas suas referências vão além, trazendo claramente ecos dos movimentos europeus como surrealismo, realismo mágico e pintura metafísica. Numa arte ainda bem avizinhada da ilustração, Gnolli realizou trabalhos como os acrílicos sobre areia Maçã (1968) e Paletó (1968), a guache e areia sobre tela Mise en Plis (1964) e desenhos em nanquim mostrando seres inusitados ou em situações idem, como em Rinocerante al XV Piano e Donna-Sogliola nel Bagno, ambos de 1968. Sua produção é interrompida prematuramente, quando falece vítima de câncer, aos 37 anos.



## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

### LIVROS

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna: tradução Denise Bottmann e Federico Carotti*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

CANTON, Katia. *Alex Flemming: uma poética*. São Paulo: Metalivros, 2002.

FOLHA DE S. PAULO (JORNAL). (Coord.). Henri Matisse. Tradução Martim Ernesto Russo, Barueri, São Paulo: Folha de S.Paulo, 2007. (Coleção Grandes mestres da pintura; 8)

FOLHA DE S. PAULO (JORNAL). (Coord.). Salvador Dali. Tradução Martim Ernesto Russo, Barueri, São Paulo: Folha de S.Paulo, 2007. (Coleção Grandes mestres da pintura; 13)

GOMBRICH, ERNST HANS, 1909- 2001. *A História da Arte*, tradução Álvaro Cabral- Rio de Janeiro: LTC, 2008.

SULLIVAN, Edward J; MORAIS, Frederico; MILLIET, Maria Alice. *Antonio Henrique Amaral: obra em processo*. São Paulo: DBA, 1996. 323 p.

### CATÁLOGOS

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO (SÃO PAULO, SP). *Raoul Dufy: Pintor da vida moderna*. São Paulo 1999. 133 p. (catálogo)

FLEMMING, Alex. *Pinturas: 10 dias de instalações itinerantes*. São Paulo: s.n, 1989.(catálogo)

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND. ALBERTO MAGNELLI. São Paulo 19-?.

### SITES

<http://www.arthist.umn.edu/aict/html/>

<http://www.ibiblio.org/wm/paint/auth/>

<http://www.tate.org.uk/>

<http://www.moma.org/>

<http://www.itaucultural.org.br/>

<http://www.imdb.com/> - sobre os filmes realizados por alguns artistas

<http://www.alexflemming.com/>

[http://www.picasso.fr/us/picasso\\_page\\_index.php](http://www.picasso.fr/us/picasso_page_index.php)

<http://www.googleartproject.com>

# ficha técnica

Curadoria: **KATIA CANTON**

Direção Geral: **SORAYA GALGANE E FERNANDA DEL GUERRA**

Produção Executiva: **CHIARA PAIM**

Assistente de Produção: **REGINA FREITAS**

Projeto Pedagógico: **KATIA CANTON E NAIAH MENDONÇA**

Cenografia: **ARQUIPROM**

Direção de arte e Identidade visual: **PATRÍCIA CIVIDANES**

Patrocínio: **NESTLÉ**

Realização: **ELO3 INTEGRAÇÃO EMPRESARIAL LTDA**  
**MRS PARTICIPAÇÕES E EMPREENDIMENTOS LTDA**



REALIZAÇÃO



Elo 3

Integração empresarial

MRS

APOIO



Projeto realizado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura, Programa de Ação Cultural 2011